

# Um caso exemplar

A vida diária caracteriza-se por factos e compõe-se de episódios alegres ou tristes, vulgares ou insólitos mas, todo eles importantes. De cada um deles alguma coisa se aprende.

A curiosidade profissional, levou-me há dias atrás a ser testemunha de um desses episódios, que eram no princípio insólitos e passaram a ter foros de normais nos últimos dias.

Foi de passagem por um posto de verificação, num dos bairros da cidade de Maputo, que vislumbrei a cara minha conhecida da mamã Lídia do meu bairro de caniço. Aproximei-me e vi que de facto era, e ela bem postada no banco dos «réus», a fazer um profundo exame de consciência, com vista a descortinar do seu cérebro as ideias que mais eloquentemente permitissem a sua soltura imediata.

Num cantinho, «escondi-me» di-

luído na pequena multidão que, como mamã Lídia, aguardava ansiosa e interrogadamente a explicação dos motivos que a levava a estar naquele recinto.

Felizmente, o interrogatório começou pela mamã Lídia a quem foi pedida a identificação completa. Esta, em resposta, apresentou dois dos três documentos essenciais, a saber, B. I. e Cartão de Residente.

Indagada sobre o terceiro documento, viva, explicou não possuí-lo, pois, jamais trabalhara e sempre vivera na companhia do seu falecido marido de quem teve três filhos, os quais, hoje em dia, estudam e são sustentados pelo padrasto que desde logo soube intervir correctamente na resolução dos problemas da mulher e dos enteados.

Perante esta evidência, o delegado do Tribunal, ali presente, fez questão em saber o motivo pelo

qual o chefe do quartelão havia detido a mamã Lídia, ao que ele justificou atrapalhado — «Não fui eu quem a deteve. Foi o camarada Sonda, o miliciano».

De imediato, foi localizado e chamado ao local o aludido miliciano. Gaguejando, lá foi tateando a sua explicação — «quer dizer... éeee... eu quero dizer ... é porque esta senhora não tem boletim de casamento ... e, também, porque o marido que ela tem não é o pai dos filhos dela. Também, foi porque lá no bairro não cumprimenta a gente, tem desprezo ...».

Quando Sonda, o miliciano, acabou de dizer isto, a pequena multidão soltou um sorriso de reprovação, pois, toda a gente ficara a compreender que Sonda estava a utilizar a «Operação Produção» para satisfazer as suas vinganças pessoais e não para limpar as cidades dos improdutivos, ou melhor, libertar as cidades das car-

gas impuras, de que estas, actualmente, se encontram sobrecarregadas. Os visados são também, os ladrões que tudo têm mas nada fazem.

A «mesa», entreolhou-se, não vendo motivo certo pelo qual, mamã Lídia tinha sido detida. Mamã Lídia, paciente no interior da sala, tem vontade de chorar, mas acha que não deve. Não é só ela que está naquelas condições e mesmo que fosse, não iria fazê-lo. Morde o seu defeituoso dedo polegar, aperta os maxilares para não chorar e, por fim, deixa libertar-se um gemido agudo e expressivo. Deixara em casa, o que é mais sentido para ela, os seus três filhos ainda na idade escolar e o padrasto deles.

A mesa de «juízes» estava ainda em pleno apuramento da verdade quando Madodanhane, o filho mais velho, entra sem pedir licença na sala. Não queria perder tempo e também não queria perder a mãe que tanto estima. Aproveita a distração dos «juízes» e pergunta à

mãe o que se tinha passado, a qual, pelo estado alterado de espírito, nada soube, nem podia explicar.

O interrogatório recomeça e Madodanhane, assistia impotente no interior da sala, sem voz activa para intervir — «Se estivesse aqui o papá, tudo se resolveria ...».

Madodanhane pouco compreendia os objectivos da «Operação» e fazendo o seu exercício mental, compreendeu que sua mãe era sujeita a uma falsa acusação.

Antes da sentença dos juízes que atentamente acompanharam o caso, foi solicitada a presença do marido da mamã Lídia que, depois de se identificar, procurou saber, numa voz firme e pausada, os motivos da detenção da sua esposa.

Sem responder, o Delegado do Tribunal levantou-se para ditar a sentença. Começou por pedir desculpas ao marido da mamã Lídia e a ela própria. Em seguida, explicou que não havia matéria nenhuma para condenar a senho-

ra, pelo contrário, o Sonda tinha a receber uma exemplar punição, por ter faltado aos mais elementares princípios que norteiam a «Operação Produção».

Mamã Lídia foi posta em liberdade. Já lá fora, Lídia, abraçada pelo seu marido, vai direitinha à casa, acompanhada também, pelo seu Madodanhane. O silêncio reinava. Não tinham nada a falar? Pelo menos conversar. Já não se amavam?

Não! Deixavam acalmar os ânimos, cogitando, de quando em vez, «e se a tivessem levado?»

O marido que desde há muito compreendera a razão da «Operação Produção», concluiu que, de certo, a sua mulher iria para o campo mas, não era a estes casos que aquela era dirigida.

Sonda, o miliciano, pelo gesto incorrecto demonstrado, ficou sob a custódia da Polícia, e este é o destino que espera qualquer infractor que for para além dos nobres princípios da «Operação Produção».

**CALISTO MUIANGA**